

Saudação a Maria Yedda Leite Linhares – Professor Emérito da UFRJ

José Leite Lopes

Minha Querida Yedda,

Constitue para mim privilégio e elevada honra saudá-la em nome da Assembléia Universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro nesta cerimônia em que lhe confere esta Casa o título de Professor Emérito.

Aceitei o convite consciente das limitações de um pesquisador científico, de um físico, para apreciar e louvar uma cientista social, uma pesquisadora em História, dotada de grande talento, de extraordinárias qualidades de cultura e de intuição criadora, de energia e dedicação ao trabalho para a educação de todos.

Maria Yedda Leite Linhares, meus senhores, iniciou seus estudos superiores nos últimos anos de vida da Universidade do Distrito Federal, a famosa UDF do Rio de Janeiro e os prolongou nos Estados Unidos, no Centenary Junior College de Nova Jersey, na Universidade de Columbia, em Nova York, até 1942 e na Faculdade Nacional de Filosofia até 1944. Assistente e Livre Docente, Doutora em História desde 1954 foi Professora Catedrática de História Moderna e Contemporânea na Faculdade Nacional de Filosofia após brilhante concurso de provas e títulos em 1957. Exerceu, além disso vários cargos de Professor Visitante em várias instituições, dentre as quais destaco o Instituto Rio Branco do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, o Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Columbia, de Nova York, a Universidade de Wisconsin, nos Estados Unidos, Instituto de Altos Estudos da América Latina da Universidade de Paris, além de ter sido Professora em tempo integral, de Civilização Brasileira, na Universidade de Paris VIII, e de História Moderna e História do Brasil na Universidade de Toulouse – Le Mirail, na França.

Suas atividades foram e são múltiplas, levando a cabo projetos de pesquisa, participando de numerosos congressos e seminários, publicando livros e inúmeros artigos em várias revistas, entre as quais destaco, *La Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale*, de Paris, *Cahiers du Monde Hispanique et Luso-Brésilien*, *The World Today*, publicação do *The Royal Institute of International Affairs*, de Londres. Foi contemplada com bolsa de estudos do Institute of International Education, de Nova York, e com outra bolsa da Universidade de Columbia. Pelo conjunto de sua obra, recebeu o Prêmio Estácio de Sá do governo do Estado do Rio de Janeiro logo depois de ter sido condecorada com as *Palmes Académiques* em outubro de 1985, a mais alta distinção acadêmica do governo da França, outorgada pelo Primeiro-Ministro.

Conheço Maria Yedda desde os nossos tempos de Faculdade Nacional de Filosofia. Pois para esta Faculdade fui nomeado Professor por San Tiago Dantas e lá realizei também concurso de provas e títulos, em 1948, para a cátedra da Física Teórica e Física Superior, depois de regressar da Universidade de Princeton onde me doutorei em 1946.

Neste sentido, fomos, Maria Yedda e eu, seres privilegiados; galgamos a cátedra antes dos trinta anos de idade e durante nossas vidas acadêmicas nos dedicamos integralmente ao ensino e à pesquisa nesta Universidade, embora àquela época, não existisse o regime

de tempo integral ou dedicação exclusiva, combatido pelo antigo Departamento Administrativo do Serviço Público – DASP – e pelos velhos professores interessados apenas na função decorativa do professor universitário.

Eram grandes as dificuldades para um trabalho de modernização da universidade. Mas lutávamos com disposição e vigor e não tínhamos medo nem dos combates nem de expor as nossas idéias.

Em verdade, se houve uma época adequada para o estímulo, no Brasil, ao desenvolvimento da educação em todos os níveis, esta época foi a dos anos 30, após a ruptura de poder decorrente da revolução que conduziu Getúlio Vargas à chefia do governo. Mas justamente nessa área travou-se então solerte combate de intelectuais da Igreja Católica contra os educadores liberais, pertencentes em sua maioria à Associação Brasileira de Educação. Desde o ano de 1922, iniciou Antonio Carneiro Leão programa de reformas do ensino público no Rio de Janeiro, programa que foi impulsionado por Fernando de Azevedo, a partir de 1927, organizando o ensino primário e a escola normal-instituição básica de formação dos professores desse nível, no Rio de Janeiro.

Em 1931, informam-nos as publicações *Faculdade Nacional de Filosofia*, 4 volumes, INEP, Editora UFRJ, 1989, coordenadas por Maria de Lourdes de A. Fávero, a Direção da Instrução Pública do Distrito Federal passou às mãos de Anísio Teixeira. Este grande educador – seguramente o maior educador brasileiro deste século – ampliou as reformas anteriores e estabeleceu o sistema educacional integral. Assim falou Paschoal Lemme, na III Conferência Brasileira de Educação, realizada em Niterói, 1984.

“Inspirado, sem dúvida, nos aspectos mais positivos da educação norte-americana, que estudara diretamente no curso superior que fizera na Universidade de Columbia em Nova York, Anísio pôde criar no antigo Distrito Federal o primeiro verdadeiro *sistema de educação integrado e completo*, que se estendia do pré-escolar modernizado em suas finalidades, seguido, sem solução de continuidade, do curso primário de cinco anos, extraordinariamente enriquecido com a prática das chamadas artes industriais, da música, do canto orfeônico, entregue ao gênio Villa-Lobos, da educação física, recreação e jogos, prosseguindo com uma educação secundária, unificada em seus aspectos humanísticos e de formação profissional e culminando com a cúpula do ensino superior, representado por aquela Universidade do Distrito Federal, *sui generis*, da UDF de tão saudosa memória”.

A UDF era constituída da *Escola de Educação*, cujo Diretor era Lourenço Filho, do *Instituto de Artes*, com Celso Kelly como Diretor, da *Escola de Economia*, dirigida por Hermes Lima, da *Escola de Filosofia e Letras*, da qual era Diretor Castro Rabelo e da *Escola de Ciências*, dirigida por Roberto Marinho de Azevedo e mais tarde, por Luiz Freire.

Saia-se assim, da tradicional universidade constituída apenas da Faculdade de Medicina, da Faculdade de Direito e da Escola de Engenharia, para instalar-se na cidade do Rio de Janeiro, a Universidade do Distrito Federal cujas finalidades eram, como consta do Decreto de sua criação :

- a) promover e estimular a cultura de modo a concorrer para o aperfeiçoamento da comunidade brasileira;
- b) encorajar a pesquisa científica, literária e artística;

- c) propagar as aquisições da ciência e das artes pelo ensino regular de suas escolas e pelos cursos de extensão popular;
- d) formar profissionais e técnicos nos vários ramos de atividade que as suas escolas e institutos comportarem;
- e) prover à formação do magistério em todos os seus graus.”

E quais eram os professores dessa Universidade? Eis alguns nomes: os matemáticos Lélío Gama e Francisco Mendes de Oliveira Castro aos quais se juntaria em seguida Luiz Freire, os físicos Bernhard Gross e Plínio Sussekind Rocha e logo depois de 1935, Joaquim da Costa Ribeiro, o químico Alfredo Schaeffer, os geólogos Djalma Guimarães e Victor Leinz, o filósofo francês Emile Brehier, os zoólogos Herman Lent e Lauro Travassos e o fisiologista Miguel Ozorio de Almeida, pertencentes os três ao Instituto Oswaldo Cruz, Gilberto Freyre, o psicólogo-social Arthur Ramos, os filólogos Souza da Silveira e José Rodrigues Leite e Oiticica, o escritor Jorge de Lima e a escritora Cecília Meirelles (professora de técnica e crítica literária), os arquitetos Lúcio Costa e Carlos Leão, o professor de pintura mural e de cavalete Cândido Portinari, os professores de música e canto orfeônico Heitor Villa-Lobos e Oscar Lorenzo Fernandez, o pianista Arnaldo Estrela (Harmônica Prática e Prática Instrumental), o historiador de música Andrade Muricy. E mais Josué de Castro, Afonso Arinos de Mello Franco, Mário de Andrade, Prudente de Moraes Neto, Sérgio Buarque de Holanda.

Esta verdadeira casa maior da ciência e da cultura nacional, criada, portanto por Anísio Teixeira em 1935, estava para a capital da República, o que Teodoro Ramos organizava para São Paulo com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, notável sobretudo pelos professores eminentes contratados no exterior, sobretudo na França, na Itália, na Alemanha.

Era a oportunidade de ouro para o impulsionamento da educação nacional graças à ruptura de poder resultante da revolução de 1930.

Esta obra, entretanto, foi destruída no Rio de Janeiro.

Os anos 30 marcaram a eclosão na Alemanha, do nazismo, ao mesmo tempo que se intensificavam em todo o mundo as atividades do Komintern. No Brasil repercutiam as consequências da crise de 1929 e as disputas das novas ideologias européias polarizavam e radicalizavam as discussões políticas.

Sou obrigado a mencionar a ação destruidora, catastrófica, de um intelectual muito respeitado, o Professor Alceu Amoroso Lima, que se notabilizou pelas suas críticas literárias sob o pseudônimo de Tristão de Athayde, e a quem muito estimei.

Eis o que escreveu em 1934 Amoroso Lima ao Senhor Gustavo Capanema, que seria em seguida Ministro da Educação e que dissolveu em 1938 a UDF:

“A situação política continua delicada e envolta em uma atmosfera de grandes apreensões. Tudo é possível em um momento como este mas qualquer alteração da ordem seria agora um desastre para o Brasil. Continuo em grandes atividades para encaminhar as emendas religiosas que, espero em Deus, ver vitoriosas para o bem de todo o povo brasileiro” (era a época da redação da Constituição de 1934, após a revolução de São Paulo, em 1932).

Em 1935, assim escreveu Amoroso Lima a Gustavo Capanema:

“Pensei maduramente na nova consulta que você me fez sobre a possível nomeação do Dr. Fernando de Azevedo para Diretor Nacional de Educação (· · ·). Nada tenho contra a pessoa do Dr. Azevedo, cuja inteligência e cujas qualidades técnicas muito admiro. Ele é hoje, porém, uma *bandeira*. Suas idéias são conhecidas, seu programa de educação é público e notório. Sua nomeação, porém por parte do governo, seria uma opção ou uma confusão. E tudo isso, eu teria de dizer de público, em face de minha consciência e da certeza que tenho de que, no terreno da educação é que se está travando a grande batalha moderna de idéias.

Como prezo muito as posições definidas e já dei, há muito, a conhecer qual a minha atitude, em matéria pedagógica, não me seria possível continuar a trazer, ao Ministério da Educação, a pequena mas desinteressada colaboração que até hoje lhe tenho dado, na obra grandiosa que você está empreendendo nesses domínios, caso se confirmasse essa nomeação a meu ver errada e inoportuna.”

Em junho de 1935, continua Amoroso Lima a escrever a Capanema:

“A recente fundação da universidade municipal com a nomeação de certos diretores de faculdades, que não escondem suas idéias e pregações comunistas foi a gota d’água que fez transbordar a grande inquietação dos católicos. Para onde iremos por esse caminho? Consentirá o governo que, à sua revelia mas sob sua proteção, se prepare uma nova geração inteiramente impregnada dos continentes mais contrários à verdadeira tradição do Brasil e aos verdadeiros ideais de uma sociedade sadia? Os católicos, meu caro Capanema, não querem do governo, nem privilégios, nem subvenções, nem partes de responsabilidade política. Não temos a ambição do poder, nem é por meio da política que esperamos desenvolver nossos trabalhos. Estamos, portanto, perfeitamente à vontade para colaborar com o Estado, em tudo o que interessa ao bem comum da nacionalidade.”

Entretanto, vários setores da sociedade brasileira reconheciam e aclamavam as iniciativas de Anísio Teixeira e do Prefeito do Distrito Federal, Pedro Ernesto, como atesta notícia no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro de 10 de abril de 1935.

Ao inaugurar os cursos da UDF em julho de 1935 disse Anísio Teixeira:

“Dedicada à cultura e à liberdade, a Universidade do Distrito Federal nasce sob um signo sagrado que a fará trabalhar e lutar por um Brasil de amanhã fiel às grandes tradições liberais e humanas do Brasil de ontem”.

O movimento comunista irrompeu no Brasil em novembro de 1935.

Em 1^o de dezembro de 1935, Anísio apresentou seu pedido de demissão ao Prefeito Pedro Ernesto e escreveu:

“Sou por convicção contrário a essa trágica confiança na violência que se vem espalhando pelo mundo, em virtude de um conflito de interesses que só pode ser resolvido, a meu ver, pela educação, no sentido largo do termo. Por isso mesmo, constrange-me nesta hora ver suspeitada a minha ação de educador e toda a obra de esforço e sacrifício realizado no Distrito Federal, obra que possuía a intenção profunda e permanente de indicar o rumo a seguir para se resolverem as tremendas perplexidades do momento histórico que vivemos”.

Extinta a UDF, reagiram, apesar da repressão a partir de 1937, intelectuais e instituições educacionais – “lastimo, dolorosamente, que se tenha apagado o único lugar de ensino mais livre, mais moderno, mais pesquisador que nos sobrava no Brasil” assim escreveu Mario de Andrade ao Ministro Capanema.

Criada a Faculdade Nacional de Filosofia, espécie de herdeira da UDF, ali convivemos, Maria Yedda e eu, com figuras do porte de Manuel Bandeira, Álvaro Vieira Pinto, Joaquim da Costa Ribeiro, Delgado de Carvalho, Souza da Silveira, Roberto Alvim Corrêa, Guerreiro Ramos, entre outros, ao lado de eminentes professores estrangeiros como Jacques Lambert, René Poiriér, Fortunat Strowski, Fidelino de Figueiredo, entre outros.

Era preciso retomar a luta da educação, pelo menos no nível universitário, e, a partir de 1945, começou a campanha pela pesquisa científica na Universidade, clara que já estava no pós-guerra, a importância da ciência e da tecnologia para o desenvolvimento das nações.

Os anos 50 decorreram sob o impulso renovador do segundo governo Vargas e do governo Kubitschek. E nesta época, Maria Yedda foi chamada a colaborar com vários cientistas e professores universitários para a formulação da Universidade de Brasília sob a liderança de Darcy Ribeiro.

A partir de 1961, atravessou o país fase de instabilidade e agitação política, ao mesmo tempo em que se discutia a questão da reforma universitária e se elaborava o projeto renovador da Universidade de Brasília, assumia Darcy Ribeiro o Ministério da Educação. Teses de desenvolvimento autônomo e de nacionalismo eram debatidas no Instituto Superior de Estados Brasileiros – ISEB – e reformas eram reivindicadas.

Eis que, em 1964, trinta anos depois da investida de líderes intelectuais católicos contra a modernização da educação, surge novo movimento simbolizado pelas marchas “*com Deus, pela família e pela pátria*”, que se contrapôs ao movimento pelas reformas e às agitações políticas daí decorrentes.

Assim, pois, minha cara Yedda, não é impossível que exista uma periodicidade nesses movimentos cataclísmicos, com período de cerca de trinta anos, pois, agora nos debatemos com uma crise sem precedentes, cujas causas subjacentes são seguramente a falência da renovação da educação, do ensino básico ao ensino universitário, renovação essa iniciada por Anísio Teixeira em 1931, continuada por Darcy Ribeiro em 1961. E hoje em 1991, esta Universidade se orgulha de ter Maria Yedda Leite Linhares à frente da Secretaria de Educação do governo do Estado do Rio de Janeiro, na qual empreende luta pela educação das populações, sem distinção de classe social no Rio de Janeiro.

O programa de 1931 foi retomado por Darcy Ribeiro e o governador Leonel Brizola foi o primeiro homem de estado a adotar a idéia do ensino público integrado, a erigi-lo com prioridade número um e a tomar medidas práticas adequadas para pô-lo em execução. Não faltam evidentemente os que criticam os CIEPS – em boa hora adotados pelo Governo Federal nos CIACS – pois para o setor abastado da população brasileira, para os que detêm o poder desde os tempos das capitânicas hereditárias, criança pobre não tem direito a alimentar-se para estudar, as suas escolas não podem ser bonitas, é muito caro dar educação aos brasileiros menos favorecidos.

Mas o programa continua e Maria Yedda, desde alguns anos, convocada pelo governador do Estado do Rio de Janeiro, comanda a equipe, que deve transformar este país, dar à sua mocidade de todas as condições sociais a educação e a cultura indispensáveis para uma nação moderna.

A 22 de junho de 1633, em Roma o Santo Ofício, a Inquisição assim se pronunciou condenando Galileo Galilei:

“Nós dizemos, pronunciamos, sentenciamos e declaramos que tu, Galileo, pelas razões estabelecidas no processo e que confessaste, és suspeito de heresia, ao teres mantido esta

falsa doutrina contrária à Santa e Divina Escritura a saber, que o sol é o centro do mundo e que ele não se move do Oriente para o Ocidente”.

302 anos mais tarde, uma espécie de Santo Ofício assim se pronunciou no Rio de Janeiro condenando Anísio Teixeira e sua equipe da UDF:

“A recente fundação da universidade municipal com a nomeação de certos diretores de faculdades, que não escondem suas idéias e pregação comunistas foi a gota d’água que fez transbordar a grande inquietação dos católicos”.

33 anos após a condenação de Galileu nasciam as bases sólidas da física moderna com Isaac Newton nos *anos admiráveis* de 1666 e 1667.

30 anos após a condenação de Anísio Teixeira, renascia a idéia da Universidade nova, com a Universidade de Brasília, para a qual Maria Yedda Linhares deu o melhor dos seus esforços.

Ainda estamos portanto no Brasil no período histórico correspondente aos primeiros anos de crescimento da ciência moderna e esperamos que a batalha da educação seja finalmente vencida pelo povo brasileiro.

A Universidade Federal do Rio de Janeiro sabe que Maria Yedda Leite Linhares, Professor Emérito, comanda esta batalha e que finalmente, a grande obra educativa de todas as crianças brasileiras, ricas e pobres, negras, índias e brancas, o sonho dos maiores, se transformará numa realidade luminosa que tornará verdadeiramente grande o Brasil.